


# SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0157/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA**
**RIADE, 13/06/2025**

## Rei saudita e o Príncipe herdeiro enviam condolências ao presidente indiano após acidente aéreo



**Autoridades de resgate carregam o corpo de uma vítima no local onde o voo 171 da Air India caiu em uma área residencial perto do aeroporto de Ahmedabad em 12 de junho de 2025.**

O Rei Salman e o Príncipe herdeiro do Reino da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman, enviararam as suas condolências ao presidente indiano, Droupadi Murmu, depois que um avião caiu ontem após a decolagem na cidade de Ahmedabad, no noroeste da Índia.

O avião de passageiros da Air India com destino a Londres com mais de 240 pessoas a bordo caiu e explodiu após a decolagem e apenas uma pessoa sobreviveu, disseram autoridades. Fumaça preta subia do local onde o avião caiu em um albergue da faculdade de medicina e pegou fogo perto do aeroporto de Ahmedabad, uma cidade de mais de 5 milhões de habitantes e capital de Gujarat.

Em telegramas separados, o Rei e o Príncipe herdeiro enviaram as suas condolências a Murmu, às famílias dos falecidos e ao povo indiano. Eles também desejaram aos feridos uma rápida recuperação. O Ministério das Relações Exteriores do Reino também expressou suas condolências à Índia após o incidente. **Fonte-Arab News**.

## Reino da Arábia Saudita condena ataques de Israel ao Irão



**Equipes de resgate trabalham no local de um prédio danificado em Teerão após os ataques israelenses em 13 de junho de 2025.**

O Reino da Arábia Saudita condenou os ataques de Israel contra o Irão na manhã desta sexta-feira, visando vários locais relacionados ao programa nuclear do país e matando Hossein Salami, chefe da Guarda Revolucionária Islâmica do Irão (IRGC), junto com outro alto funcionário da Guarda e dois cientistas nucleares.

O Reino "expressa sua forte condenação e denúncia das flagrantes agressões israelenses contra a fraterna República Islâmica do Irão, que minam sua soberania e segurança e constituem uma clara violação das leis e normas internacionais", disse um comunicado do Ministério das Relações Exteriores saudita. A declaração também reafirmou que a "comunidade internacional e o Conselho de Segurança têm uma "grande responsabilidade de deter essa agressão imediata".

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, disse que a operação militar no Irão "continuará por quantos dias forem necessários" para "reverter a ameaça iraniana à própria sobrevivência de Israel". Israel declarou estado de emergência em antecipação a ataques retaliatórios com mísseis e drones.

Enquanto isso, o líder supremo iraniano, Aiatolá Ali Khamenei, alertou que Israel sofreria graves consequências após os ataques mortais. "Com este crime, o regime sionista se preparou para um destino amargo e doloroso e definitivamente o receberá", disse Khamenei em um comunicado. **Fonte-Reuters**.

# Embaixador saudita apresenta cartas credenciais ao ministro das Relações Exteriores do Uruguai



**O ministro das Relações Exteriores do Uruguai, Mario Lubetkin, recebeu o embaixador do Reino da Arábia Saudita, Sultan Al-Muzaini, em uma cerimônia de recepção em San José.**

O embaixador saudita no Uruguai, Sultan Al-Muzaini, apresentou suas cartas credenciais ao ministro das Relações Exteriores do Uruguai, Mario Lubetkin, em uma cerimônia de recepção em San José, capital do Uruguai. Durante a recepção, foram discutidas as relações bilaterais entre os dois países e seus povos amigos, juntamente com formas de aprimorá-las e desenvolvê-las em vários campos. O Uruguai está promovendo opções de investimento em várias áreas, com ênfase no agronegócio e nas energias renováveis. **Fonte-Arab News**.

# Primeiro-ministro paquistanês nos Emirados Árabes Unidos para conversas de alto nível com o presidente Sheikh Mohamed



**Esta imagem fornecida pela presidencia dos Emirados Árabes Unidos em 12 de janeiro de 2023 mostra o presidente dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Mohamed bin Zayed al-Nahyan, dando as boas-vindas a Shehbaz Sharif, primeiro-ministro do Paquistão (L).**

O primeiro-ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif, chegou ontem aos Emirados Árabes Unidos  para conversar com o presidente dos Emirados Árabes Unidos,

Sheikh Mohamed bin Zayed Al Nahyan, sobre uma "série de questões bilaterais, regionais e globais", disse um comunicado do gabinete do primeiro-ministro. A última visita de Sharif aos Emirados Árabes Unidos foi em fevereiro para participar na Cúpula Mundial do Governo em Dubai e se encontrar com o presidente Sheikh Mohamed. A última visita marca mais um passo nos esforços contínuos de Islamabad para aprofundar os laços estratégicos com os parceiros do Golfo, particularmente porque o Paquistão procura atrair investimentos estrangeiros e reforçar a integração econômica regional.

"Sharif realizará reuniões de alto nível com a liderança dos Emirados Árabes Unidos, incluindo uma reunião bilateral com o presidente dos Emirados Árabes Unidos e o governante de Abu Dhabi", disse o gabinete do primeiro-ministro. "Uma ampla gama de questões bilaterais, regionais e globais de interesse e preocupação mútuos serão discutidas durante as interações de alto nível." **Fonte-Reuters**.

## Macron elogia a "vontade genuína" do presidente palestino para a paz



**O presidente da França, Emmanuel Macron, descreveu os compromissos do líder palestino Mahmoud Abbas como "concretos e sem precedentes" e disse que eles demonstram uma "vontade genuína de seguir em frente".**

O presidente da França, Emmanuel Macron, elogiou ontem os "compromissos concretos e sem precedentes" do presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, depois de receber uma carta deste último antes da conferência saudita-francesa apoiada pela ONU sobre uma solução de dois Estados na Palestina. Em sua carta na passada segunda-feira, endereçada a Macron e ao Príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Mohammed bin Salman, Abbas delineou os principais passos a serem dados para acabar com a guerra em Gaza.

Ele pediu a desmilitarização do Hamas, a libertação de reféns, um cessar-fogo em Gaza e o envio de forças internacionais para proteger "o povo palestino", ao mesmo tempo em que reafirmou seu compromisso com reformas e eleições.

Abbas também exigiu o fim da "ocupação e do conflito de uma vez por todas" e a suspensão das actividades dos colonos. Em um post no X, Macron descreveu a carta como "um momento decisivo, elogiando o líder palestino por traçar "um curso em direcção a um horizonte de paz". "Compromissos concretos e sem precedentes que demonstram uma vontade genuína de seguir em frente", disse Macron. A França e o Reino da Arábia Saudita co-presidirão a Conferência Internacional de Alto Nível para a Solução Pacífica da Questão Palestina e a Implementação da Solução de Dois Estados em Nova York na próxima semana.

A conferência na sede da ONU visa alcançar passos concretos em direcção à solução de dois Estados. Em sua carta, Abbas enfatizou o compromisso da Autoridade Palestina com as eleições presidenciais e gerais dentro de um ano nos Territórios Ocupados - incluindo Jerusalém Oriental - sob supervisão internacional. "O povo palestino tem o direito de viver em liberdade e dignidade em sua terra natal. A Palestina e Israel têm o direito de existir como Estados, em paz e segurança, em conformidade com o direito internacional", escreveu Abbas em sua carta. Reafirmando seu compromisso com a solução de dois Estados, ele disse: "Estamos prontos para concluir dentro de um cronograma claro e vinculativo, e com apoio, supervisão e garantias internacionais, um acordo de paz que acabe com a ocupação israelense e resolva todas as questões pendentes e de status final". **Fonte-Reuters**.

## Khamenei adverte que Israel enfrentará 'destino amargo e doloroso'



**Líder supremo iraniano, Aiatolá Ali Khamenei.**

O líder supremo do Irão, Aiatolá Ali Khamenei, disse hoje que Israel enfrentará "punição severa" por seu ataque ao país. Khamenei emitiu um comunicado divulgado pela agência de notícias estatal IRNA. Também confirmou que altos oficiais militares e cientistas foram mortos no ataque. Israel "abriu sua mão perversa e manchada de sangue para cometer um crime contra nosso amado país, revelando sua natureza maliciosa mais do que nunca ao atacar centros

residenciais", disse Khamenei. O chefe da Guarda Revolucionária do Irão, Hossein Salami, foi morto na operação militar israelense. Ele era um oficial veterano próximo ao líder supremo e conhecido por suas tiradas contra Israel e seu aliado dos EUA. "Se você cometer o menor erro, abriremos os portões do inferno para você", alertou o general de barba branca aos arqui-inimigos de Teerão durante uma visita a uma base subterrânea de mísseis em janeiro. Um oficial militar israelense disse que a Força Aérea israelense atacou instalações nucleares e militares iranianas, sem identificá-las.

Israel há anos alerta que não permitirá que o Irão construa uma arma nuclear, algo que Teerão insiste que não quer - embora as autoridades tenham alertado repetidamente que poderia. **Agência de notícias Irna.**

## Trump diz que teve aviso prévio de ataques israelenses ao Irão



**Trump disse à Fox News que foi informado da operação de Israel antes que ela acontecesse.**

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse à Fox News que estava ciente de que Israel iria realizar ataques contra o Irão antes que isso acontecesse, e enfatizou que Teerão "não pode ter uma bomba nuclear", segundo a emissora norte-americana. Seus comentários à Fox vieram depois que Israel atacou o Irão em uma série de ataques aéreos hoje sexta-feira, atingindo 100 alvos, incluindo instalações nucleares e militares.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, disse que a operação teve como alvo a instalação atômica em Natanz, enquanto a imprensa iraniana disse que o líder da Guarda Revolucionária do país, Hossein Salami, e o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Mohammad Bagheri, foram mortos.

Trump disse à Fox News que foi informado da operação de Israel antes que ela acontecesse. "O Irão não pode ter uma bomba nuclear e esperamos voltar à mesa de negociações. Veremos", disse Trump, de acordo com a Fox News.

A Fox News também informou que "Trump observou que os EUA estão prontos para se defender e Israel se o Irão retaliar". Acrescentou que o governo Trump entrou em contacto com pelo menos um importante aliado do Médio Oriente para reconhecer que o ataque aconteceria, mas reiterou que os EUA não estavam envolvidos.

O secretário de Estado, Marco Rubio, disse ontem que os Estados Unidos "não estavam envolvidos em ataques contra o Irão e nossa principal prioridade é proteger as forças americanas na região". "Deixe-me ser claro: o Irão não deve ter como alvo os interesses ou o pessoal dos EUA." **Fonte-Reuters**.

## Após Israel atacar o Irão, companhias aéreas desviam voos




**Os voos foram desviados constantemente sobre a Ásia Central ou o Reino da Arábia Saudita, mostraram dados de rastreamento de voos.**

As companhias aéreas retiraram hoje o espaço aéreo sobre Israel, Irão e Iraque, depois que Israel lançou ataques contra alvos no Irão, mostraram dados do Flightradar24, com as companhias aéreas desviando e cancelando voos para manter passageiros e tripulantes seguros. A proliferação de zonas de conflito em todo o mundo está se tornando um fardo crescente para as operações e lucratividade das companhias aéreas, e mais uma preocupação de segurança.

Seis aeronaves comerciais foram abatidas involuntariamente e três quase desapareceram desde 2001, de acordo com a consultoria de risco de aviação Osprey Flight Solutions. O aeroporto Ben Gurion, em Tel Aviv, foi fechado até novo aviso, e as unidades de defesa aérea de Israel estavam em alerta máximo

para possíveis ataques retaliatórios do Irão. A companhia aérea israelense El Al Airlines disse que suspendeu os voos de e para Israel. O espaço aéreo iraniano foi fechado até novo aviso, informou a imprensa estatal.

A Jordânia também fechou seu espaço aéreo para todos os voos. O Aeroporto Internacional Zayed, em Abu Dhabi, disse em sua conta que as interrupções de voos eram esperadas e os passageiros foram "aconselhados a verificar com sua companhia aérea o status mais recente de seus voos antes de viajar para o aeroporto". A Emirates Airline do Dubai cancelou hoje seus voos para o Iraque, Jordânia, Líbano e Irão. A Qatar Airways também cancelou voos de e para o Iraque e o Irão. "A situação ainda está surgindo - os operadores devem ter um alto grau de cautela na região neste momento", de acordo com o Safe Airspace, um site administrado pelo OPSGROUP, uma organização baseada em membros que compartilha informações de risco de voo. **Fonte-Reuters.**

## Jordânia fecha espaço aéreo e diz que não será campo de batalha para nenhum conflito

A Jordânia não permitiu e não permitirá qualquer violação de seu espaço aéreo, nem será um campo de batalha para qualquer conflito, disse hoje um ministro sênior em um comunicado.

"A segurança nacional da Jordânia é uma linha vermelha, e o Reino não permitirá qualquer tentativa de ameaçar sua segurança e a segurança de seus cidadãos", acrescentou Mohammad Momani, ministro da Comunicação e porta-voz do governo. Aeronaves e sistemas de defesa aérea da Força Aérea Real da Jordânia interceptaram vários mísseis e drones que entraram hoje no espaço aéreo jordaniano. A operação de interceptação veio em resposta a avaliações militares de que mísseis e drones estavam prestes a cair em território jordaniano, incluindo áreas povoadas, o que poderia causar baixas. Momani também pediu à comunidade internacional que exerça pressão para restaurar a calma e evitar uma nova escalada na região. A autoridade de aviação da Jordânia fechou o espaço aéreo do país e suspendeu todos os voos depois que Israel atacou o Irão.

"O espaço aéreo do Reino está temporariamente fechado e o tráfego aéreo suspenso para todas as aeronaves – de entrada, saída e em trânsito, como precaução contra quaisquer riscos resultantes da escalada regional", disse a autoridade em um comunicado. As forças armadas do país também foram colocadas em alerta máximo em resposta às crescentes tensões regionais, disse uma fonte militar. **Fonte-Reuters**.

# Por que o mundo deve ajudar África a enfrentar as mudanças climáticas



DR. MAJID RAFIZADEH

**12 de Junho de 2025**



**Embora África contribua com apenas uma pequena fracção das emissões globais, ela está arcando com o fardo mais pesado das mudanças climáticas.**

De acordo com a Organização Meteorológica Mundial, "os impactos extremos do clima e das mudanças climáticas estão atingindo todos os aspectos do desenvolvimento socioeconômico em África e exacerbando a fome, a insegurança e o deslocamento". Esta declaração alarmante ressalta a escala da devastação que varre o continente, que enfrenta toda a força de uma crise climática que pouco fez para causar.

Embora África contribua com apenas uma pequena fracção das emissões globais de gases de efeito estufa, ela está arcando com o fardo mais pesado das mudanças climáticas - econômica, social e ambientalmente. À medida que esses impactos se aprofundam, também aumenta a responsabilidade das potências globais, especialmente os principais emissores, de fornecer assistência significativa e sustentada.

As economias africanas são particularmente vulneráveis às alterações climáticas porque dependem predominantemente de sectores altamente sensíveis aos padrões climáticos — especialmente agricultura, pesca e extração de recursos naturais. Em toda África Oriental, Ocidental e Central, padrões erráticos de chuva, secas prolongadas, calor extremo e inundações intensas estão dizimando plantações, matando gado, danificando a infraestrutura e corroendo os meios de

subsistência. Países como Nigéria, Ethiópia, Mali e Sudão viram os rendimentos agrícolas despencarem, muitas vezes eliminando temporadas inteiras de culturas básicas, como milho, painço, mandioca e sorgo.

Este colapso agrícola é mais do que uma crise agrícola - é uma catástrofe econômica. A agricultura é responsável por até 60% do emprego em muitos países africanos e constitui uma importante fonte de renda nacional. No Quênia e na Somália, as secas repetidas não apenas secaram os campos, mas também drenaram as finanças públicas, enquanto os governos lutam para financiar ajuda alimentar, entrega de água e reparos emergenciais na infraestrutura. Em 2024, inundações em toda África Central destruíram estradas, pontes e sistemas de água críticos, forçando vários governos a desviar fundos de programas de educação, saúde e desenvolvimento público para gerenciamento de crises e reconstrução.

Além disso, os sistemas de energia e água, já sob pressão do subinvestimento, tornaram-se ainda mais prejudicados por condições climáticas erráticas. A energia hidrelétrica - uma fonte essencial de electricidade para países como Zâmbia e República Democrática do Congo - está vacilando devido à seca dos rios. Como resultado, a escassez de energia está estrangulando a produção industrial, prejudicando as empresas e empurrando mais pessoas para a pobreza.

Quanto mais tempo essas tensões econômicas persistirem, mais difícil será para as nações africanas alcançarem um crescimento sustentável ou atrair investimentos. A mudança climática está atrasando os ganhos de desenvolvimento em décadas, especialmente em países que já enfrentam fragilidade, conflito ou instabilidade econômica. Sem apoio financeiro e tecnológico urgente, essas economias podem entrar em recessão prolongada ou colapso, com repercussões globais.

Além dos números e das estatísticas, há um imenso custo humano. Famílias estão sendo dilaceradas, casas destruídas, crianças estão passando fome e milhões estão sendo forçados a fugir de suas terras. O continente está enfrentando uma enorme crise de deslocamento – que está aumentando rapidamente em escala e complexidade. Espera-se que esses números cresçam, com muitas comunidades enfrentando realocação permanente à medida que os choques climáticos se tornam mais frequentes e intensos.

A insegurança alimentar atingiu níveis catastróficos. Em todo o Sahel e na África Ocidental, o número de pessoas que enfrentam fome em nível de emergência e fome é agora superior a 36 milhões. A desnutrição em crianças está aumentando, com consequências irreversíveis no desenvolvimento cognitivo e na saúde a longo prazo. Em muitas regiões, os desastres climáticos também destruíram ou

danificaram escolas, forçando as crianças a abandonarem a educação e deixando uma geração sem as ferramentas para reconstruirem seu futuro.

Os sistemas de saúde pública também estão sob imensa pressão. O aumento das temperaturas e as inundações levaram a surtos de malária, cólera e doenças transmitidas pela água. Ao mesmo tempo, as ondas de calor estão causando cada vez mais insolação e outras doenças relacionadas ao calor, especialmente entre os idosos e trabalhadores ao ar livre. As comunidades pobres, sem acesso a cuidados médicos, água potável ou saneamento, estão sofrendo o impacto dessas emergências de saúde. O tecido social de regiões inteiras está se desfazendo. A competição por recursos escassos - especialmente terra e água - está intensificando os conflitos. A mudança climática não é apenas uma crise do meio ambiente – é um multiplicador de instabilidade, violência e deslocamento.

A tragédia em África é ainda mais amarga por sua inocência na criação desta crise. O continente contribui com menos de 4% das emissões globais de dióxido de carbono. A maioria dos países africanos historicamente emitiu quantidades insignificantes de gases de efeito estufa, mas são os mais vulneráveis aos extremos climáticos e têm menos recursos para se adaptarem.

Esse desequilíbrio gritante é uma injustiça gritante. A maior parte das emissões mundiais veio de nações industrializadas - especialmente os EUA, potências europeias, China e outras economias desenvolvidas - que construíram sua riqueza em séculos de industrialização intensiva em carbono. No entanto, essas mesmas nações têm sido lentas, até mesmo relutantes, em cumprir suas promessas de financiamento climático aos países em desenvolvimento, particularmente os de África.

A justiça climática exige mais do que simpatia retórica. Requer acções concretas, reestruturação financeira sistêmica e uma mudança na forma como a comunidade global percebe a responsabilidade e a vulnerabilidade. África não está pedindo caridade - está exigindo justiça.

É um imperativo moral e uma necessidade estratégica para as potências globais agirem. O mundo industrializado tem os meios, a tecnologia e a responsabilidade histórica para ajudar África a enfrentar as mudanças climáticas. Deve ver a adaptação africana não como um custo, mas como um investimento na segurança e prosperidade globais compartilhadas.

O fracasso em apoiar África apenas aprofundará a instabilidade, provocará migração em massa, alimentará conflitos regionais e interromperá as cadeias de suprimentos e os mercados globais. O custo da inação - social, econômica e geopolítica - será muito maior do que o custo de uma intervenção proativa e coordenada hoje.

A mudança climática é a crise final sem fronteiras. As secas no norte de África, as colheitas fracassadas no Sahel e as inundações na África Central não permanecem contidas – elas enviam efeitos cascata em todos os continentes. A escassez de alimentos pode levar a picos nos preços globais dos alimentos. O deslocamento e a migração podem sobrecarregar as nações vizinhas e contribuir para emergências humanitárias. Ajudar África é, em essência, ajudar o mundo.

As nações ricas inicialmente prometeram US $ 100 bilhões anualmente em financiamento climático para os países em desenvolvimento até 2020 - uma meta que eles falharam repetidamente em cumprir. Agora, sob a nova meta global, esse número precisa ser ampliado para US$ 1 trilhão a US$ 1,3 trilhão por ano até 2030. Esse financiamento deve ser previsível, acessível e focado tanto na adaptação quanto na mitigação.

África tem um enorme potencial de energia renovável - particularmente solar e eólica. O apoio global pode acelerar a transição para a energia limpa, ao mesmo tempo em que aborda a vasta lacuna de acesso à energia do continente. O investimento tecnológico em agricultura resiliente ao clima, gestão da água e preparação para desastres é essencial. Ferramentas como sistemas de alerta precoce habilitados para inteligência artificial, agricultura inteligente para o clima e infraestrutura verde podem proteger os meios de subsistência e evitar que desastres se tornem catástrofes.

Muitas nações africanas estão presas em dívidas insustentáveis, limitando sua capacidade de investir na adaptação climática. A reestruturação da dívida, os empréstimos concessionais e os novos instrumentos de financiamento devem ser implementados para aliviar este fardo.

A verdadeira resiliência começa nas bases. A ajuda global deve capacitar as comunidades africanas, agricultores, mulheres e jovens com as ferramentas e o conhecimento para construir sistemas adaptativos adequados às realidades locais.

Se África for deixada para enfrentar as mudanças climáticas sozinha, as consequências serão devastadoras – não apenas para o continente, mas para o mundo inteiro. O deslocamento em massa pode se transformar em uma das maiores crises de refugiados da história da humanidade. A fome generalizada, o conflito e o colapso econômico podem desestabilizar regiões inteiras. O sofrimento seria inimaginável.

Ao mesmo tempo, deixar de ajudar África minaria a confiança nas negociações climáticas globais e na cooperação multilateral. A legitimidade de acordos climáticos como o Acordo de Paris baseia-se no princípio da equidade e da responsabilidade compartilhada. Se os mais pobres e menos culpados do mundo forem abandonados, esses acordos perderão o sentido.

Ignorar África hoje é semear as sementes de crises maiores amanhã - crises que nenhuma fronteira, muro ou oceano pode evitar.

Em conclusão, a responsabilidade das potências ocidentais e globais de ajudarem África não é opcional – é urgente, necessária e há muito esperada. África não causou essa crise, mas está pagando o preço mais alto. Ao agir agora, as potências globais e as nações mais ricas do mundo podem evitar o sofrimento em massa, fortalecer a estabilidade global e abrir um caminho para um planeta mais justo e resiliente. Ajudar África a se adaptar às mudanças climáticas não é apenas uma questão de generosidade. É uma questão de sobrevivência - para eles e para todos nós.

**O Dr. Majid Rafizadeh,** é um cientista político iraniano-americano formado em Harvard. X: @Dr_Rafizadeh

**Isenção de responsabilidade**: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**